

# D. Maria II e a música no seu tempo



O reinado de D. Maria II (1826-1828 e 1835-1853), tempo difícil e marcado por convulsões que abalaram profundamente a sociedade portuguesa, assistiu ao nascimento de um novo quadro político, mas foi igualmente marcado pelo influxo do romantismo, enquanto movimento filosófico, político e estético, e por aguda mutação cultural e das sensibilidades. No quadro das celebrações do bicentenário do nascimento de D. Maria II, a «Educatriz», a Biblioteca Nacional de Portugal consagra a presente mostra à produção e à cena musical portuguesa nessas três décadas decisivas de mudança.

Medida de relevante importância no período imediatamente a seguir ao triunfo do liberalismo, foi a da criação, por decreto de 28 de dezembro de 1833, de uma Aula de Música na Casa Pia, que recebera o património instrumental do antigo Seminário da Patriarcal, o qual constituirá o núcleo inicial do Conservatório de Música, instituído por decreto de 5 de maio de 1835, e que teve como primeiro diretor João Domingos Bomtempo, professor de piano da Rainha.

Nos primeiros anos do reinado, um dos temas inspiradores das composições musicais então produzidas foi a Carta Constitucional, outorgada por D. Pedro. Essas peças eram depois estreadas no principal palco musical, o Real Teatro de São Carlos. Encerrado durante o período da guerra civil (1828-34), reabriria após a vitória liberal, preservando o seu estatuto de «teatro italiano», com um repertório que assentava em três nomes cimeiros da ópera italiana: Rossini, Donizetti e Bellini.

Personalidade central na vida musical portuguesa deste período foi Joaquim Pedro Quintela (1801-1869), o Conde de Farrobo, a quem se ficou a dever uma intensa atividade mecenática, centrada no seu Palácio e Teatro das Laranjeiras, inaugurado em 1825, e onde, de 1833 até finais dos anos 50, prosseguiu com entusiasmo as tradições musicais familiares interrompidas pelas lutas políticas. Em 1838, ao assumir a direção da empresa do Teatro de São Carlos, empenhou parte da sua enorme fortuna pessoal na

contratação de mestres italianos, contribuindo para a apresentação nessa instituição - por companhias de primeira ordem e com grande esplendor de cenários e guarda-roupa - de obras tão marcantes como *Don Giovanni*, de Mozart, *Lucia de Lammermoor*, de Donizetti, e *Robert, le Diable*, de Meyerbeer. Em 1843, estreia o *Nabucco*, de Verdi, dando início a um predomínio de produções «verdianas» que se prolongará por cerca de 40 anos. Concomitantemente, Farrobo dirigiu também o Teatro da Rua dos Condes, divulgando neste palco o repertório francês de ópera cómica e *vaudeville*.

Era a época em que no Teatro do Salitre e no Teatro do Bairro Alto se representavam, além de dramas, muitas vezes traduzidos do francês, peças ligeiras com larga tradição em Portugal - farsas, entremeses ou comédias - todas elas com acompanhamento musical, adaptações portuguesas de óperas cómicas de autores italianos, como as de Paisiello, ou ainda serenatas alusivas aos aniversários reais. A influência do melodrama italiano e do repertório mais «ligeiro» da ópera cómica viria estabilizar o gosto musical nacional, por volta de meados do século, quer no Porto quer em Lisboa. Tudo isto era potenciado pelos progressos da edição musical e refletia-se nos inúmeros arranjos, fantasias e *pot-pourris* para piano, a duas e quatro mãos, sobre os trechos líricos mais populares. Simultaneamente desenvolvia-se também o gosto pela peça virtuosística para piano ou outros instrumentos. Porém, a música não era apenas fruição e espetáculo, mas também mundanismo, que se revela, a partir de meados da década de 1830, no crescente gosto pelos bailes, os quais vão ser um poderoso agente de difusão dos novos géneros musicais relativos a «tradições» musicais idiomáticas, oriundas do Centro e Leste da Europa - polcas, mazurcas, valsas, quadrilhas e contradanças.

Acompanhando a adesão de Portugal ao gosto europeu, terá então sido marcante a vinda, na temporada de 1844-1845, de Franz Liszt a Lisboa, numa digressão que lhe permitiu dar mostras do seu virtuosismo na execução de peças da sua lavra, mas que igualmente revelou a novidade do moderno piano de cauda.

